

Entrado na Mesa às 17 H 25  
Distribuição e Publique-se  
Data 15 01 2003  
O Secretário da Mesa



*Manuel Almeida*

## VOTO DE PESAR PELA MORTE DE JOSÉ VIANA

Nº 35/IX

Morreu José Viana. O combatente de tantas batalhas e adversidades não resistiu aos traumatismos resultantes de um acidente de viação. No passado dia 5, por volta das 20h, na auto-estrada de Cascais, o actor-pintor seguia num automóvel conduzido pela mulher, a actriz Dora Leal, quando uma carrinha embateu por trás, deixando-o gravemente ferido. Transportado para o Hospital São Francisco Xavier, aqui veio a falecer três dias depois.

José Viana nasceu em Lisboa, sua musa inspiradora, faz 80 anos. Foi uma vida cheia e dedicada à arte. No teatro, recreou a Comédia, popularizou rábulas e construiu personagens. Ao senhor milhões de «O Doido e a Morte» de Raul Brandão, o Guiné de «Maria Emília» de Alves Redol dos primeiros anos da sua actividade, junta-se o vagabundo de «Esta Lisboa que eu amo». Das suas incursões no cinema e na televisão, recordem-se filmes como «Perdeu-se um Marido», «A Fuga» e «O Fim do Mundo» e a telenovela «Chuva na Areia» e programas como «Ora Viva» e «Grande Noite».

José Viana era um homem de múltiplos talentos. Com eles encheu os palcos e as telas para satisfação pessoal e do público. A estreia do actor deu-se nos anos 40, no Teatro Apolo, na farsa de Labiche «Um Chapéu de Palha de Itália». Como pintor a sua estreia foi ainda mais precoce. Tinha ele três anos quando o Diário de Notícias lhe publicou um desenho. Os seus três mundos – o do teatro, o das artes plásticas e o dos afectos – complementavam-se e interagiam, entrelaçando-se numa malha tecida pela sensibilidade e a arte.

Em 1997, foi homenageado pela Câmara de Oeiras – município onde residia – com a Medalha de Mérito Municipal. E o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, atribuiu-lhe a Ordem do Infante D. Henrique. Lauro António, autor do livro «José Viana – 50 anos de carreira», considera-o «um dos maiores vultos da sua geração».

Tive o privilégio de conhecer pessoalmente este talentoso pintor. De lhe admirar a firmeza do traço e do carácter. A bonomia e a simpatia.

José Viana era um homem de convicções, afectos e solidariedades. Um homem bom. Desgostavam-no os conflitos interpessoais e sofria com a violência do Mundo. Por isso, recusava ser um passivo telespectador, tendendo a fechar-se numa solidária solidão. O seu riso aberto e franco foi-se transformando em sorriso compreensivo e generoso.

Na sua última peregrinação por Lisboa, desde a Basílica da Estrela até ao Cemitério do Alto de São João (onde foi cremado), foi acompanhado por muitos companheiros e amigos e pelo povo de Lisboa que o acarinhou com um último e genuíno aplauso e dele se despedia trauteando «o Zé Cacelheiro, dedicado companheiro», «...e, navegando, a idade foi passando, os cabelos branqueando mas o Tejo é sempre novo». À família enlutada, a Assembleia da República endereça sentidas condolências.

Assembleia da República, 09 de Janeiro de 2003

Os Deputados

Ed. C. G. M.

F. M. M.  
P. S. S.  
S. S. S.

M. S. S.